IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

CONTOS DA TRANSGENERIDADE: SABERES TRANS-VERSOS NAS PEDAGOGIAS CULTURAIS

Freda Corrêa Corteze[1]
Juliana Ribeiro de Vargas[2]

RESUMO

Pedagogias Culturais se constituem por artefatos que, embora não diretamente relacionados ao currículo escolar, possuem potencial pedagógico. Em suas representações, elas transmitem saberes transversais, em especial aqueles alvo de disputas como as Epistemes Trans. Este estudo enfrenta o apagamento histórico que sofrem tais epistemes, como denunciam os Estudos Transfeministas. Inspirado na Autoetnografia Trans, objetiva mapear saberes trans-versos, que emergem de vivências e experiências de uma professora transgênera autora de sete contos infantis disponibilizados em suas redes sociais, denominados *Contos Coloridos*. Como resultado, são evidenciados saberes através de um quadro temático, revelando seu potencial para o mapeamento de outras Epistemes Trans.

Palavras-chave: Epistemes Trans, Transgeneridade, Pedagogias Culturais.

Introdução

Inicio esta escrita apresentando-me. Embora tenha construído este trabalho em conjunto com a Professora Doutora Juliana Ribeiro de Vargas, que me orientou em sua composição, uso a primeira pessoa como uma escolha política para fazer minha perspectiva presente no contexto acadêmico. Me chamo Freda Corteze, mas nem sempre foi assim. Isto porque ao longo do meu percurso de vida tenho me entendido como uma mulher transgênera, e tenho aprendido que ocupar o espaço acadêmico com minha perspectiva é importante não apenas para mim mesma, mas também para uma comunidade de pessoas que assim se identificam.

Para fins de contextualização, aqui entende-se que a identidade transgênera é uma forma pela qual algumas pessoas compreendem, vivenciam e constroem o seu gênero. Assim como algumas diferenças sexuais, essas identidades são consideradas transgressoras a um

[1] Mestre e Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, freda.lobato@gmail.com;
[2] Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), julivargas10@hotmail.com.

conjunto de normas socioculturais estabelecidas por uma cultura dominante. Destas normas, a cisnormatividade tem um destaque específico por estabelecer os gêneros masculino e feminino como os únicos possíveis a serem compreendidos, vivenciados e construídos pelas pessoas, e determinar que o gênero é uma categoria da experiência humana ligada estritamente aos seus corpos físicos e órgãos genitais.

Portanto, a voz que aqui se atreve a falar é uma voz da diferença. É uma voz que contrapõe os pressupostos da cisnormatividade por compreender, vivenciar e construir seu gênero para além dos limites por ela determinados. Explicando de uma maneira simplória, algumas pessoas diriam que eu nasci num corpo de menino e, ao crescer, escolhi me transformar em mulher. Não é isto. Sou (e sempre fui) mulher apesar do corpo e do suposto gênero que me foi atribuído ao nascer. Minhas vivências, da qual este estudo é apenas um recorte, me levaram a compreender que o gênero é uma construção sociocultural, e não uma determinação biológica. E, embora aos olhos de muitos eu tenha sido lida como um menino na fase da minha vida em que era dependente e vulnerável, a criança interior que se atualiza a cada dia em meu ser sempre foi uma criança trans[3].

A experiência de ter vivido a infância num ambiente que desconsiderava e reprimia minha identidade por conta da cisnormatividade pode ter, de certa forma, contribuído para que, anos mais tarde, eu desenvolvesse minha carreira profissional baseada num forte empenho em transformar esta realidade. Fiz-me professora. Hoje, com minhas alunas e alunos, eu ensino e aprendo dança, mostrando formas de entender a corporeidade para além do seu aspecto físico e biológico, mas através das relações, discursos e representações que acoplamos a ela para construir nosso corpo e nossa ideia de si.

Além disso, também sou artista. A arte, e suas múltiplas formas de representar e contestar a cultura, tem me salvado da cisnormatividade. Seja através da dança, da música, da ilustração, da narrativa ou em diversas outras formas de sua expressão. Neste estudo, dou foco aos *Contos Coloridos*, uma série de sete fábulas[4] criadas por mim e publicadas como vídeos curtos em redes sociais, que utilizam elementos da montação da minha Drag Queen[5] Adelina Strapolenta para ressignificar vivências e experiências de forma ficcional.

---

[3] Neste trabalho utilizo a palavra trans como sinônimo de transgênera/o.

[4] Fábulas são pequenas narrativas de ficção, geralmente protagonizadas por animais, e que encerram algum tipo de ensinamento considerado importante no contexto em que foi elaborada.

[5] Drag Queen é uma forma de expressão artística que não deve ser confundida com uma identidade de gênero. Esta forma de arte, que utiliza o corpo da ou do artista como suporte para a criação de uma persona fantástica, surgiu e se consolidou no contexto da cultura de pessoas transgressoras às normas socioculturais, como as comunidades Lésbicas, Gays, Transsexuais e Transgêneras, Queer, Intersexo, Assexual, Panssexual, Não-Binarie e demais designações (LGBTQIAPN+). O termo montação se refere a um conjunto de materiais (como maquiagens, figurinos, acessórios, perucas) que a Drag Queen utiliza para constituir sua persona.

A cisnormatividade, cuja reprodução ainda constitui parte da estruturação de instituições sociais como a Escola, não provoca apenas violências e desigualdades de direitos para com pessoas e crianças trans que nela passam parte de suas vidas. Esta norma social também ocasiona o apagamento de saberes, conhecimentos, vivências e elaborações próprios às pessoas que não se identificam com tal norma, num processo histórico ao qual autoras do Transfeminismo chamam de Epistemicídio dos Saberes Trans (aqui denominados como saberes trans-versos). Assim, neste estudo busco mapear quais saberes trans-versos emergem nos *Contos Coloridos*, entendendo que estas criações artísticas, tomadas como artefatos culturais, têm a potência de transmitir experiências, vivências e elaborações que emergem da minha diferença de gênero, apontando caminhos possíveis para trans-versalizar a cisnormatividade.

Saberes Trans-Versos

Uma das muitas contribuições dos movimentos feministas às Ciências Humanas foi a proposição do conceito de gênero. Inicialmente proposto como uma ferramenta de análise das desigualdades sociais, este conceito se transformou, abrangendo hoje um conjunto de significações que possibilitam a emergência de outras compreensões sobre identidade. A premissa biologicista de que o corpo físico e, mais especificamente, os órgãos genitais das pessoas, determinam uma série de comportamentos, atitudes, preferências e capacidades, tem sido contestada por estudos que definem o gênero como uma construção sociocultural relacional, situacional e performática (Butler, 2024).

Isto significa dizer que a compreensão de uma identidade masculina, feminina e até mesmo diferente destas duas, é parte de uma construção complexa. Ela se dá em relação com outras pessoas, com a cultura e sociedade na qual se insere, e através de sua forma de expressão. O corpo humano não tem gênero, o corpo humano veste, expressa, performa gênero de acordo com as relações estabelecidas pela cultura e sociedade em que está inserido.

Esta perspectiva acadêmica ecoa movimentos sociais como o da comunidade LGBTQIAPN+, cuja luta por direitos igualitários tem nas mulheres transgêneras importantes porta-vozes. O Transfeminismo vem articulando compreensões importantes sobre como algumas desigualdades sociais são estabelecidas a partir das diferenças de gênero, e como estas desigualdades são mantidas através de normas socioculturais (Nascimento, 2021). Este movimento contribui com o conceito de cisgeneridade, que designa a identidade daquelas pessoas cuja performatividade de gênero está de acordo com as normas estabelecidas pela

cultura, uma vez que aqueles corpos cuja performatividade de gênero não está de acordo com estas normas são considerados por elas como transgressores, desviantes, abjetos (e, portanto, indignos de direitos iguais).

No contexto educacional brasileiro, alguns autores têm demonstrado como questões relacionadas às normas de gênero se tornam centrais na regulação social (Seffner, 2022; Furlani, 2022). Neste sentido, as instituições educacionais (como escolas, colégios e universidades) se tornam reprodutoras da norma sociocultural hegemônica, silenciando, apagando e ignorando corpos cujo gênero não se adeque a ela. Embora existam avanços em decorrencia de movimentos ligados à luta política das pessoas LGBTQIAPN+ pela garantia de seus direitos (Bertolini, 2024), aquelas instituições ainda se mantêm afastadas de mudanças que façam frente à todos os efeitos socioculturais deste processo histórico de apagamento.

O Epistemicídio dos Saberes Trans (Vergueiro, 2015), como este processo foi nomeado pelos Estudos Transfeministas, tem como efeito a construção de instituições despreparadas para as diferenças de gênero, o que provoca desigualdades de direitos entre pessoas cisgêneras e pessoas transgêneras. A cisnormatividade (aquela norma de gênero hegemônica) está estabelecida nas próprias relações do contexto educacional, impedindo que pessoas transgêneras possam construir suas identidades de forma não violenta.

Neste cenário, a arte criada por pessoas transgêneras produz um efeito de resistência àquele epistemicídio. Os Estudos Culturais entendem que as representações produzidas pela arte podem ser analisadas através de dois tipos de efeito, o poético e o político (Hall, 2016). O efeito poético tem relação com as formas de criação e elaboração da obra artísticas, as cadeias de significações e associações semânticas que ela produz. Já a segunda forma de análise se preocupa em entender quais efeitos aquelas representações acarretam no contexto social no qual estão inseridas, e como modificam, tensionam e provocam as relações de poder estabelecidas.

Seguindo esta linha de raciocínio, entende-se que as Pedagogias Culturais são artefatos como obras de arte cujas representações produzem um efeito pedagógico para além dos currículos e fontes oficialmente educacionais (Wortmann, Santos e e Ripoll, 2019). Através do efeito político e pedagógico de suas representações, a arte pode ensinar, mesmo que não tenha sido criada especificamente para isso. Assim, temos algo que aprender com a arte produzida por pessoas transgêneras, pois nela estão contidas aquelas epistemes, os saberes e conhecimentos produzidos pelas vivências e experiências de pessoas trans.

Mais do que apenas isso, a arte produzida por pessoas transgêneras pode ser um recurso poético e político importante para combater o epistemicídio perpetrado pela

cisnormatividade dentro da Escola. Na minha experiência como professora de Artes do Ensino Fundamental tenho aprendido a entender a educação escolar muito além dos conteúdos programáticos e dos componentes curriculares que a estruturam. Guiada pelas premissas de Paulo Freire (2002), que sugere uma educação capaz de devolver a autonomia das pessoas que passam pelo processo de escolarização, tento compreender a Escola como um ecossistema social. Nele são compartilhados e produzidos conhecimentos a partir das relações entre as diferenças que o habitam.

Neste sentido, tenho buscado na transversalidade imanente deste ecossistema de saberes um meio pelo qual é possível compartilhar saberes que emergem de suas diferenças. Não apenas através dos Temas Transversais sugeridos pelos documentos curriculares brasileiros (BRASIL, 1997), mas tomando a transversalidade como um "[...] tipo de trânsito por entre os liames de um rizoma, de um emaranhado de saberes" (Gallo, 2009, p.25).

É através das narrativas das diferenças (ficcionais ou não) que tenho descoberto esta rota de fuga à cisnormatividade escolar. Estas narrativas são trans-versalizações, ou seja, maneiras pelas quais é possível acessar, por em prática a transversalidade que levará ao compartilhamento de saberes para além daqueles delimitados pelas grades curriculares. São as idiossincrasias, as particularidades de experienciar a diferença que fazem emergir saberes silenciados, ignorados pelas normas hegemônicas. No caso das pessoas transgêneras, esses são os aqui chamados de saberes trans-versos, ou seja, os saberes particulares das experiências transgêneras contidos nas representações de suas narrativas, e que fazem frente ao epistemicídio perpetrado pela cisnormatividade escolar. Estes saberes autorizam, explicitam e permitem outras formas de compreender as relações de gênero, contribuindo para a diminuição da desigualdade que pessoas transgêneras enfrentam no ambiente escolar.

Assim, a busca por saberes trans-versos em parte de minha obra artística, ou seja, os *Contos Coloridos*, está envolvida na forma pela qual tenho atuado dentro da Escola. Para levá-la a cabo, segui alguns passos: primeiro, determinar o que são estes saberes trans-versos, e quais correntes de conhecimento contribuem para a sua definição. É o que acabo de apresentar nesta parte da escrita. Em seguida, busquei analisar as sete narrativas com base neste conceito, o que levou à formulação de um quadro conceitual que explicita quais os saberes trans-versos emergentes em cada uma delas. Antes de partir para a discussão desta análise, porém, é necessário apresentar a proposta metodológica que me trouxe até aqui, como será explicado na próxima sessão.

Autoetnografia Trans e Cartografia de Saberes

As autoras do Transfeminismo têm defendido a importância da narrativa pessoal das vivências e experiências da pessoa trans para combater o epistemicídio de seus saberes. Mergulhar na própria história, nas próprias experiências do que foi vivido, promove não apenas o reencontro com estratégias de sobrevivência criadas para enfrentar o silenciamento a que a cisnormatividade nos submete, mas também a sua ressignificação. Recontar a própria história permite dar novo sentido às violências enfrentadas, encontrando potencialidade nos efeitos de nossa resistência.

Essa proposta metodológica é conhecida pelo transfeminismo como Autoetnografia Trans (Vergueiro, 2015). Ela não se trata somente de uma metodologia de produção de dados para pesquisas acadêmicas, mas é também um movimento político que insiste em afirmar a importância de que as nossas histórias também precisam estar presentes dentro da academia. Toda resistência é uma insistência no existir, e insistir no relato de nossas experiências, vivências e histórias através de nossas pesquisas é garantir que existamos mesmo em um ambiente que reproduz historicamente o apagamento das nossas existências. Estaremos aqui, testemunhando através de nossas palavras, a existência de nossos corpos, nossas lutas, nossas vitórias.

A Autoetnografia Trans tem como algumas de suas principais referências as autoras do Feminismo Negro, que igualmente alertam para o silenciamento dos saberes da negritude pertpretados pelos sistemas de opressão raciais decorrentes do colonialismo escravocrata, e da colonialidade que permanece como um de seus efeitos. A eleição do homem cisgênero, branco e europeu, como sujeito universal de direitos, que a colonialidade institui, é denunciada por autoras como Adichie (2019), ao identificar o perigo que a reprodução de uma história única sobre a cultura de uma sociedade acarreta ao criar efeitos de verdade sobre o corpo de pessoas diferentes daquela identidade. Outras autoras propõem a narrativa de experiências a partir de diferentes perspectivas que não aquela considerada universal pela colonialidade para combater os seus efeitos (Evaristo, 2020).

Também é importante para a Autoetnografia Trans que sejamos nós mesmas as porta-vozes destas narrativas. Para evitar que nossos corpos continuem sendo tomados pelo olhar exotificador da norma, contaremos nossas vivências a partir das nossas perspectivas, com a propriedade de sermos autoras de nossa própria história. E nossa voz ecoará a voz daquelas que vieram antes de nós e que possibilitaram estarmos aqui apesar de todo o contexto que nos queria eliminadas (Nascimento, 2021). A Autoetnografia Trans é também a

história da luta de uma comunidade para garantir nosso direito ao ensino, à academia, e ao pensamento humano.

Neste trabalho, tenho a Autoetnografia Trans como inspiração para realizar uma Cartografia de Saberes (Baptista, 2021; 2022), ou seja, para cartografar os meus saberes trans-versos. A cartografia de saberes, por sua vez, é uma proposta metodológica que entende a pesquisa exploratória como um rio complexo e rizomático que meandra por um ecossistema de conhecimentos. Este rio tem quatro afluentes, as suas trilhas de conhecimento: a trilha dos saberes pessoais, a trilha dos saberes teóricos, a usina de produção da pesquisa, e a dimensão intuitiva da pesquisa.

Para criar seus mapas rizomáticos, a Cartografia de Saberes permite a utilização de diversos recursos de levantamento e análise de dados. Nesta pesquisa, escolhi o quadro conceitual para apresentar quais saberes trans-versos emergem das narrativas dos *Contos Coloridos*. Através deste quadro é possível observar a relação entre cada saber; os figurinos, acessórios e objetos de montação apresentados nos vídeos gravados para plataforma do *Instagram*; e a marca referente às minhas vivências como pessoa transgênera conectada às histórias.

Ainda é importante dizer que, apesar de os *Contos Coloridos* serem histórias ficcionais, ambientadas no universo de fantasia, eles carregam trans-versalizações das minhas vivências. Por meio de seu aspecto poético, toda criação artística é, em certa medida, um testemunho autobiográfico das vivências e processos que levam autoras e autores a criarem sua arte. O aspecto poético, neste sentido, abarca as formas pelas quais cada autora ou autor dá significado às representações que sua obra contém. Através de procedimentos de criação artística, estas autoras e autores desconstroem, ressignificam e diversificam sentidos expressos pela cultura, reprocessando e, por vezes, contrapondo aquilo que se pretendia fixo dentro de um contexto cultural hegemônico.

Assim, as marcas de vivências e experiências de uma pessoa transgênera também podem ser encontradas em trabalhos ficcionais criados por elas, e não apenas naqueles que relatam sua história de vida propriamente dita. Ficção e realidade, aqui, possuem um aspecto intercambiante, uma influência mútua que não se fixa em nenhum destes dois pontos, mas mescla seus efeitos de forma a questionar em que medida a ficção, a fantasia e a realidade fazem parte do mesmo aspecto discursivo e simbólico do pensamento humano.

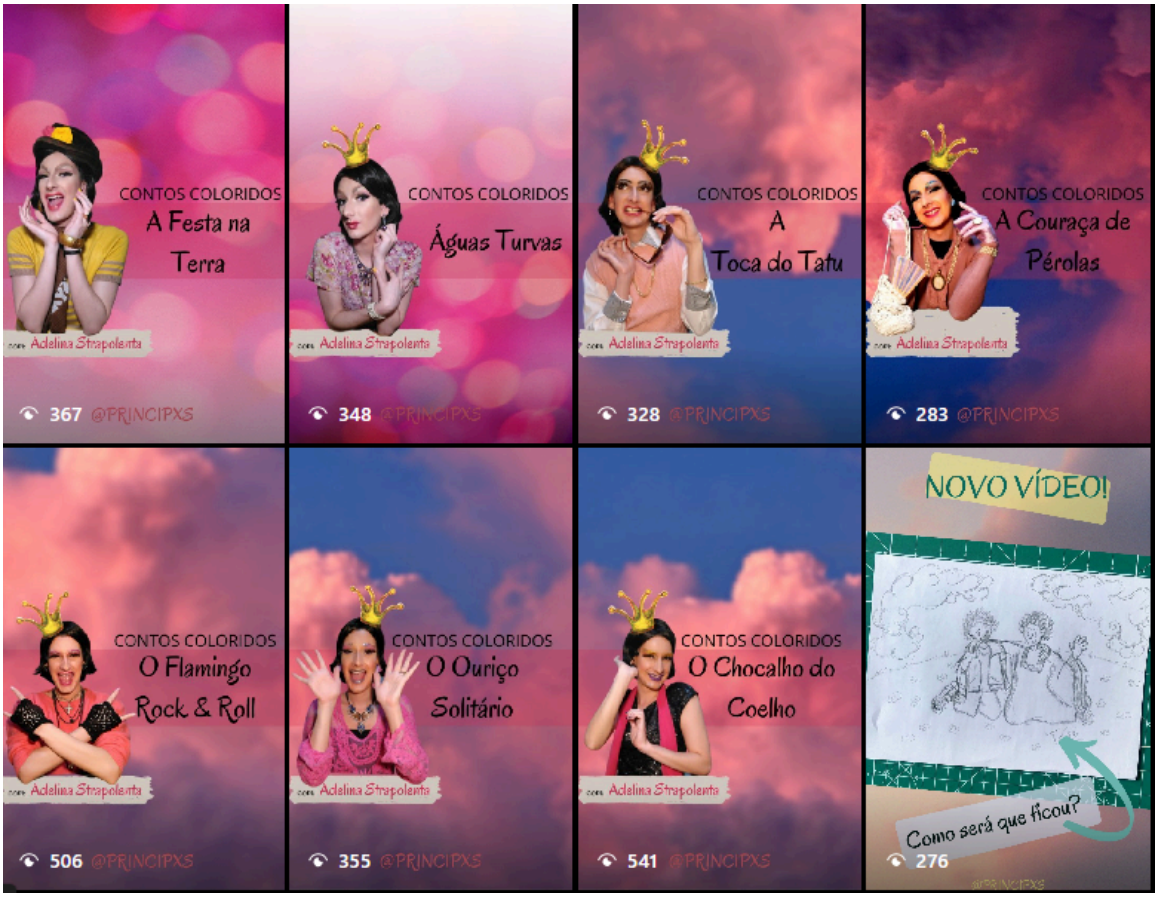
Finalmente, devido ao fato de os *Contos Coloridos* estarem hospedados na plataforma virtual do *Instagram*, esse trabalho também seguiu alguns pressupostos para análises culturais no ciberespaço (Magalhães, Vargas e Ribeiro, 2024). Informações que contextualizam os

objetivos das publicações, público alcançado e também relacionadas à temporalidade na qual os dados foram levantados são importantes como uma análise abrangente. Desta forma, a primeira parte da minha análise se trata de uma contextualização da *Página PríncipXs*, que hospeda os vídeos curtos que contam as histórias dos *Contos Coloridos*, como segue na próxima parte desta escrita.

Contos Coloridos

A *Página PríncipXs*, no *Instagram*, foi criada com o intuito de ser um portfólio de minhas produções artísticas e literárias. Seu nome faz referência à *Coleção PríncipXs*, uma coleção de livros infantis que recontam as narrativas clássicas dos contos de fadas utilizando elementos da cultura LGBTQIAPN+ para alterar a perspectiva de quem conta a história. Na página, faço publicações a respeito da coleção, das histórias dos livros e também das personagens que a compõem. Na sessão de vídeos desta página foram publicados os vídeos dos *Contos Coloridos*, que são histórias diferentes daquelas que conto nos livros (Imagem I).

Imagem I: ***Contos Coloridos***



Fonte: ***Instagram PríncipXs***

Magalhães, Vargas e Ribeiro (2024) indicam a importância do contexto na análise de mídias veiculadas de forma virtual pela plataforma do *Instagram*. Além disso, também propõe que se dê atenção ao conteúdo produzido em relação ao seu objetivo e ao público que alcança. No caso da *Página PríncipXs*, embora conte com cerca de 4.000 seguidores na época em que fiz o levantamento dos dados, as publicações têm poucas interações. Os *Contos Coloridos*, por sua vez, foram criados como uma espécie de diário, um registro artístico de algumas experimentações narrativas que criei, e em sua maioria contam com cerca de 350 visualizações cada.

Estes contos foram criados num contexto pandêmico, durante o isolamento social de 2021, quando senti necessidade de encontrar um espaço virtual no qual pudesse dar vida à Adelina Strapolenta, utilizando os figurinos e acessórios que ganhei de importantes Drag Queens da comunidade LGBTQIAPN+ de Porto Alegre. Na minha vida, Adelina é fundamental por ter me apresentado uma forma de viver meu gênero, revelando a potência de ser uma mulher transgênera e a importância de fazer parte de uma comunidade a qual me sinto pertencente. Para mim, a experiência da montação Drag reaviva a confiança na Fantasia como forma de afirmar minha existência, que era comum na minha infância quando, por exemplo, lia ou ouvia histórias fantásticas.

Imagem II: Adelina Strapolenta

Fonte: ***Instagram PríncipXs***

As Drag Queens, no contexto da comunidade LGBTQIAPN+, são uma forma de expressão artística importante por contestar e propor novos significados à performatividade de gênero (Rosa, 2019). Não são uma identidade de gênero em si, mas uma construção artística. Entretanto, ao utilizarem-se de signos e representações que embaralham as expectativas do que a norma cisgênera considera como masculino e feminino, se tornam importantes ferramentas de luta pela existência de pessoas transgêneras. No meu caso, Adelina Strapolenta foi importante por me apresentar possibilidades de existência das quais há muito tempo eu havia sido afastada (Imagem II).

Assim, os *Contos Coloridos* foram elaborados com inspiração em histórias que tive contato quando criança, como no programa *Lá Vem História* (1995) da TV Cultura, apresentado por Bia Bedran e Ilana Kaplan. Nele, as atrizes utilizavam objetos do cotidiano e instrumentos musicais para contar lendas e contos da cultura brasileira. Nos *Contos Coloridos*, Adelina Strapolenta utiliza elementos da montação Drag para contar histórias sobre diferenças.

Os *Contos Coloridos* podem ser entendidos como Pedagogias Culturais, ou seja, artefatos que, apesar de não terem um fim exclusivamente educativo, podem ensinar a partir das representações que contém (Wortmann, Santos e e Ripoll, 2019). Em se tratando de contos criados por uma mulher transgênera, estas representações também carregam marcas (Louro, 2000) de sua transgeneridade, que trans-versalizam as narrativas. Ressignificadas, estas marcas transformam-se em saberes, em epistemes que emergem das vivências e experiências da pessoa transgênera, aqui chamados de saberes trans-versos.

Magalhães, Vargas e Ribeiro (2024), no contextos de trabalhos de pesquisa que tenham como foco o *Instagram*, propõem passos importantes para sua realização, dos quais destaco o olhar atento ao contexto e temporalidade no qual as publicações foram realizadas. Assim, inspirada na ideia de Autoetnografia trans (Vergueiro, 2015), realizei uma Cartografia de Saberes (Baptista, 2021; 2022) para mapear quais saberes trans-versos emergem nos *Contos Coloridos*? Aqui, a Cartografia de Saberes é uma proposta metodológica eficaz pois permite a utilização de diferentes recursos de levantamento e análise de dados, dentre os quais escolhi a elaboração de um quadro de saberes que evidencia quais trans-versalizações estão presentes nas narrativas.

O quadro (Figura I) é composto por quatro colunas sendo que a primeira contém o título de cada um dos sete contos; a segunda o elemento ou os elementos utilizados para representar os personagens e objetos da história; a terceira traz a marca da trans-versalização que encontrei em cada conto; e a última o saber trans-verso que emerge desta marca. Aqui é

importante explicar que as marcas de trans-versalizações nem sempre são algo positivo. A ideia de trans-versalização marca a possibilidade de ressignificar vivências e experiências, que nem sempre são positivas, através da arte de narrar a própria história. Estes saberes nem sempre emergem de forma literal, mas fazem parte da constituição fundamental da narrativa.

Figura I: Quadro de Saberes

Conto Colorido	Elemento	Marca da Trans-Versalização	Saber-Transverso
O Chocalho do Coelho	pompom / lenço / cartola	esconder o medo	o medo é um aliado
O Ouriço Solitário	escova de cabelo / peruca	espinhos afastam pessoas	espinhos úteis para outras pessoas
O Flamingo Rock & Roll	luvas pretas / luva rosa	rosa não combina	ser rosa é rock & roll
A Couraça de Pérolas	leque / colar de pérolas	transformação inevitável	transformação necessária
A Toca do Tatu	óculos de sol, bolsa, estojo de óculos, esmaltes	garras só para escavar	garras para brilhar
Águas Turvas	pinceis de maquiagem	obediência às normas	conhecer as diferenças
A Festa Na Terra	“desmontação”	viver a fantasia	viver a realidade

Fonte: elaboração da autora.

No conto *O Chocalho do Coelho*, um pompom é usado para representar o protagonista, que é um coelho medroso. Um lenço cor-de-rosa que sai de dentro de uma cartola é usado para representar a serpente antagonista. O coelho medroso é expulso da toca

dos coelhos, porque o seu medo o faz tremer tanto que seus dentes de roedor viram um chocalho, podendo atrair inimigos. Porém, quando ele conhece a serpente, descobre que ao invés de o devorar, como seria o esperado, ela decide convidá-lo a ser seu parceiro em um concurso de chocalhos. Assim o medo, que era considerado uma característica ruim para o coelho, e que o fazia tremer, virou uma espécie de aliado.

A marca do medo sempre foi especialmente sensível para mim. Dados sobre mortes violentas de pessoas trans no Brasil[6] são suficientes para o justificar. Aprendi que deveria esconder o meu medo e, ao escondê-lo, ocultava também a minha identidade. Entretanto, quando conheci pessoas LGBTQIAPN+, cujo convívio, de acordo com as normas hegemônicas, "ameaçava" minha infância, vi que na verdade elas são a minha verdadeira comunidade. Elas me ensinam a ressignificar o medo, entendendo esta emoção não como algo que devo silenciar, mas como um aliado que devo ouvir e que me possibilita tomar decisões com calma e segurança. Aquela antiga marca (que me diferenciava das pessoas cisgêneras por ser medrosa) se transformou em um saber trans-verso.

No conto *O Ouriço Solitário*, uma escova de cabelo é usada para representar um ouriço que espanta outros animais da floresta por ser espinhudo. Ele vive solitário e tristonho até encontrar uma onça, apresentada como uma peruca embaraçada. Então, a onça pede que o ouriço utilize seus espinhos para pentear seus pelos e assim o ouriço descobre uma nova profissão de cabeleireiro das onças. A marca da trans-versalização aqui são os espinhos que afastam as pessoas, e o saber trans-verso construído a partir dela é a utilidade que esses espinhos podem ter para outras pessoas.

Espinhos são metáforas para atitudes e formas de agir que podem parecer agressivas para algumas pessoas. Neste sentido, a raiva é um sentimento que aprendemos desde crianças a controlar e manter silenciado, principalmente quando somos frágeis e dependemos da boa vontade de pessoas mais privilegiadas que nós para termos nossa existência reconhecida. Aprendemos a ser gentis e educadas, correndo o risco de, se deixarmos nossa verdadeira emoção aparecer, acabarmos sozinhas.

Na narrativa, o saber trans-verso que emerge desta marca está ligado a minha experiência no convívio com outras pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, principalmente em contextos relacionados às artes cênicas, ao teatro e a dança. Neste contexto, aprendemos que todas as emoções humanas são importantes para sua expressão, inclusive a raiva. A raiva,

[6]O dossiê anual da ANTRA - Agência Nacional de Travestis e Transexuais apresenta dados catalogados por meio do projeto Trans Murder Monitoring, revelando que, desde 2009, o Brasil lidera o ranking de países que mais matam mulheres trans e travestis no mundo (ACONTECE LGBTI+; ANTRA ; ABGLT, 2024).

quando simbolizada no palco, é uma emoção que nos coloca em movimento, é uma emoção que faz nossas pernas andarem. Raiva, quando levada para a rua, nos ajuda a reivindicar aquilo que nos é negado quando, por exemplo, precisamos lutar por nossos direitos. A raiva é um espinho útil para ouriços cabeleireiros.

No conto *O Flamingo Rock and Roll*, luvas pretas são utilizadas para representar corvos e urubus astros do rock. O flamingo é representado por uma luva cor-de-rosa, e tem o sonho de ser um astro do rock; porém, sua cor não combina com este estilo musical, segundo os produtores abutres. Então, o flamingo começa a cantar, e a sua voz mostra a eles que estão errados. A cor rosa é emblemática para representar aquilo que é frágil e aquilo que não combina com algo radical, como o rock. Já o preto é a cor utilizada como forma de identidade por aquelas pessoas que se consideram amantes deste estilo. Entender que a identidade não está associada a cores, mas sim a uma construção que vai além de representações simbólicas, é o saber trans-verso que emerge deste conto.

Na minha vida eu sempre gostei da cor rosa. Porém, isso sempre foi considerado uma fraqueza. Gostar de rosa parecia não combinar com os lugares que eu queria alcançar em minha vida, como se isso me diminuísse. Por muito tempo a cor rosa simbolizou para mim uma parte da minha identidade que deveria ficar guardada numa gaveta de desejos, mas nunca ser expressa em público. Foi quando conheci artistas que utilizavam o seu cor-de-rosa justamente para alcançar sucesso, que eu entendi que poderia ressignificar a minha própria cor e transformá-la em expressão artística da minha identidade. Hoje, através de Adelina Strapolenta, ou das minhas coleções de histórias, e até mesmo dentro de sala de aula, é a minha fragilidade que me leva onde eu quero ir.

No conto *A Couraça de Pérolas*, um colar de pérolas é utilizado para representar uma lagarta, e um leque representa a sua fase de borboleta. Entretanto, este conto não segue as premissas mais comuns associadas à transformação da borboleta. Aqui, a borboleta sente saudades da sua fase de lagarta, embora também goste de ser uma borboleta. A marca da trans-versalização que emerge dessa história é a transformação inevitável pela qual as lagartas passam ao se tornarem borboletas. E o saber trans-verso que deriva desta marca é que essa transformação não só é inevitável, mas também necessária.

O entendimento que a transformação do corpo é fundamental para a existência humana é um saber que a minha transgeneridade me trouxe. Quando comecei meus processos de modificação corporal, que no contexto cultural LGBTQIAPN+ chamamos de transição, eu tinha muito medo do "arrependimento". Um argumento que a cultura cisgênera sempre levanta para invisibilizar nossa possibilidade de existir: que iremos nos arrepender do que

estamos fazendo com o nosso corpo. Entretanto, esta cultura cisgênera também esquece que seus próprios corpos também mudam. Nós, pessoas transgêneras, não somos as únicas borboletas por aqui. Pessoas cisgêneras também envelhecem.

O corpo é uma constante transformação. Uma transformação inevitável e necessária. No conto da couraça de pérolas, é preciso deixar as pérolas para trás para se transformar numa borboleta que será a inspiração para outras lagartas. Isto eu aprendi ao entender que o meu corpo não é apenas o seu aspecto físico, mas também suas emoções, seus saberes e sua identidade. Meu corpo se constroi através das diferenças no convívio em uma comunidade. E a comunidade da qual faço parte também faz parte do meu corpo.

No conto *A Toca do Tatu*, um óculos de sol representa uma coruja buraqueira muito esperta que contrata o tatu canastra, uma bolsa de moedas, para construir tocas que, depois, ela aluga para ele. É o estojo dos óculos, a comadre tartaruga, que sugere ao tatu uma forma de deixar de ser explorado pela buraqueira: usando suas garras afiadas não para cavar tocas, mas para vencer um concurso de beleza. Então o tatu faz as unhas e vence o concurso, e a coruja vai morar na praia.

Meu processo de transição acompanhou o início da minha vida profissional. Naquela época, enquanto eu fazia faculdade, era comum eu me questionar para onde eu estava direcionando o meu futuro. O medo de um futuro incerto, no qual as minhas possibilidades econômicas estivessem fadadas à precariedade, sempre assustava. Entretanto, eu aprendi que aquelas ferramentas que por muito tempo eu fui ensinada a colocar em prática para construir o mundo dos outros poderiam ser utilizadas com a mesma eficácia para construir o meu próprio mundo. A minha inteligência (e capacidade de ir bem em provas de concursos) que sempre me destacou, poderia ter me levado a uma carreira de êxito econômico. Entretanto, aprendi que colocar esse meu saber a serviço não só de outras pessoas, mas dos desejos que me revelavam o que eu gostaria de <u>ser</u>, me fariam mais feliz. A história do tatu canastra e da coruja buraqueira é uma representação simbólica desta marca, a marca do medo da pobreza que tive de superar e ressignificar, percebendo que há riqueza em ser quem eu sou.

Águas Turvas é um conto no qual pinceis de maquiagem viram uma família de botos cor-de-rosa, cuja mãe proíbe de mergulhar fundo rumo às águas turvas. A desobediência dos três irmãos os leva a um lugar assustador e misterioso, de onde um deles, o mais novo, não consegue fugir a tempo antes de encontrar uma figura misteriosa, que é o peixe-boi. Depois do susto, todos descobrem que ele se trata de um grande amigo, que os ajuda a limpar o leito do rio. Esse conto traz a marca da transgressão às normas, e ensina que às vezes ela pode levar ao conhecimento das diferenças.

A marca da transgressão, que nos é apontada muitas vezes como uma violação inclusive da ética da cisnormatividade, faz emergir o saber do respeito pelas diferenças. A desobediência, que pode nos levar a situações de risco, foi necessária na minha vida para que eu conseguisse entender a minha identidade e conquistar a minha autonomia quanto a ela. O respeito pelas diferenças ajuda a controlar o medo e transformá-lo em cautela nas situações em que as águas não nos parecem mais tão claras.

No contexto da Educação, autores como Hernández (1998) apontam como a transgressão e a desobediência que emergem no ambiente escolar são linhas de fuga necessárias. Como educadoras e educadores, não devemos estar prontas e prontos a silenciar transgressões e desobediências que emergem na Escola. Ao contrário, devemos ouví-las, pois é nelas que caminhos rizomáticos que levam ao acolhimento das diferenças são encontrados.

Finalmente, o conto *A Festa na Terra* utiliza não um elemento de montação, mas a própria desmontação Drag Queen como forma de contar a história. Ou seja, ao retirar os acessórios, figurinos e maquiagens, o conto revela a pessoa transgênera que está por debaixo deles. Esta narrativa conta a história de uma fada que se transforma em humana para participar das festas na terra. Ela brinca com a marca da fantasia e o saber da realidade. Desmontar a Drag Queen é um processo que revela sua artificialidade, assim como revelar a pessoa trans por baixo dela desconstrói a naturalidade da cisnormatividade.

A marca da fantasia está presente na vida de muitas pessoas trans. Somos consideradas irreais por não obedecermos à norma cisgênera de atrelar a nossa identidade a um órgão genital. Entretanto, a nossa realidade denuncia a artificialidade da própria cisnormatividade, pois não são as roupas, maquiagens e acessórios que usamos que determinam o nosso gênero. Tão pouco nossos comportamentos e capacidades. Nós somos reais justamente por não abandonar a própria fantasia, e entender que o gênero por si só é um processo de linguagem, ou seja, um processo fantástico. O gênero é um discurso, uma construção, uma performance, uma expressão e uma identidade. O que nos identifica não está somente no nosso corpo biológico, mas também no olhar do outro e na diferença que se estabelece entre a nossa convivência. Assim como a apreciação artística, o gênero também é um fenômeno do "entre". E todo gênero é real, pois ele é uma forma pela qual narramos a nossa existência.

Considerações Trans-versais

Os saberes trans-versos são Epistemes Trans que emergem de narrativas elaboradas por pessoas transgêneras. Eles estão nas marcas de trans-versalizações, que ressignificam

experiências pessoais vivenciadas por aquelas pessoas, criando novas perspectivas de perceber e compreender o mundo.

Este estudo elaborou um quadro de saberes trans-versos presentes na série de contos infantis intitulada *Contos Coloridos*, disponíveis na página do *Instagram PríncipXs*, como vídeos curtos. A utilização de elementos da cultura LGBTQIAPN+, como, por exemplo, a montação Drag Queen, são marcas capazes de representar essa ressignificação. Tais marcas, para além de seu efeito poético, provocam também um efeito político: elas registram, legitimam e compartilham saberes que são silenciados pelas relações que estruturam uma cultura cisnormativa, tornando-se ferramentas pedagógicas potentes para uma Educação que inclua as diferenças de gênero.

Por fim, a elaboração de um quadro de saberes trans-versos pode servir de inspiração para futuros estudos que tenham como foco artefatos culturais com marcas daquelas diferenças. Identificar e registrar os diferentes saberes que emergem da transgeneridade através da arte, seja em contos, histórias em quadrinhos, peças de teatro e/ou em outras formas de expressão artística, é um movimento fundamental para combater o histórico epistemicídio que estes saberes sofrem no campo da Educação.

REFERÊNCIAS

Acontece LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil*: dossiê 2023. Florianópolis: Acontece LGBTI+, ANTRA, ABGLT, 2024.

Adichie, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma História Única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Baptista, Maria Luiza Cardinale. "Amar la trama más que el desenlace!" : reflexões sobre as proposições trama ecossistêmica da ciência, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas, na pesquisa em turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, v. 8, n. 1, p. 41-64, jan./jun. 2020. Disponível em: periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/18989. Acesso em: 18/05/2025.

Baptista, Maria Luiza Cardinale. Amorosidade, autopoiese e 'com-versações': a potência dos 'entrelaços-nós' na educação e na ciência. *RIAEE*: revista ibero-americana de estudos em educação, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2358-2378, out./dez. 2021. Disponível em: periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15676. Acesso em: 18/05/2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: temas transversais; Ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, Volume 08. 1997.

Bortolini, Alexandre. *É para falar de gênero, sim*: fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na Brasília: ABETH, 2024.

Butler, Judith. *Quem tem medo de gênero?*, São Paulo: Boitempo, 2024.

Evaristo, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. *In*: Duarte, Constância Lima; Nunes, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência- A Escrita de Nós*: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

Furlani, Jimena. A narrativa “ideologia de gênero”: impactos na educação brasileira e nas políticas de identidade. *In*: Seffner, Fernando; Felipe, Jane. *Educação, Gênero e Sexualidade***:** (Im)pertinências. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 335-361.

Gallo, Sílvio. Currículo: entre disciplinaridades, interdisciplinaridades... e outras ideias. *In*: Silveira, Édson da (org.). *Currículo*: conhecimento e cultura– Programa Salto para o Futuro. Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, Ano XIX, N. 1, abr. 2009.

Hall, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Editora da Pontifícia Universidade Católica- Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

Hernández, Fernando. *Transgressão e Mudança na Educação*: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

Louro, Guacira. Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: Louro, Guacira. Lopes. *O Corpo Educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.

Magalhães, Joanalira Corpes; Vargas, Juliana Ribeiro de; Ribeiro, Paula Regina Costa. Análise Cultural no Instagram: uma estratégia metodológica potente para pesquisas no ciberespaço. *In*: Oliveira, Danilo Araujo de; Silva-Silva, Luiza Cristina; Sales, Shirlei (orgs.). *Metodologias de Pesquisa no Ciberespaço/Cibercultura*: #netnografia #etnografiadigital #pesquisaemtela #entrevistaonline #analisecultural #análisedodiscurso_inspiradaemFoucault. Curitiba: Appris, 2024.

Nascimento, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismos*, São Paulo: Jandaíra, 2021.

Rosa, Cristiano. *Educação, Infâncias e Arte Drag*: a literatura para crianças tensionando os scripts de gênero. Orientadora: Profª. Drª. Jane Felipe. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

Seffner, Fernando. Não há nada tão raro quanto o normal: o homem comum, a virilidade política e a norma em tempos conservadores. *In*. Seffner, Fernando; Felipe, Jane. *Educação, Gênero e Sexualidade***:** (Im)pertinências. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 234-267.

Vergueiro, Viviane S. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes*: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Orientador:

Prof. Dr. Djalma Thürler. 2015. 243 f. Dissertação (Mestrado)- Curso de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

Wortmann, Maria Lúcia Castagna; Santos, Luís Henrique Sacchi dos; Ripoll, Daniela. Apontamentos sobre os estudos culturais no Brasil. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 1-22, 2019. Disponível em: www.scielo.br/j/edreal/a/SYYp5qDJr5CMKtJTb9mNNmf/. Acesso em: 17/05/2025.